

CRIADORES DE CONTEÚDO DIGITAL COMO AGENTES GLOTOPOLÍTICOS DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE DO PERFIL DO *TIKTOK* @PROFESSORNOSLEN

DIGITAL CONTENT CREATORS AS LINGUISTIC AUTHORITIES OF THE 21ST CENTURY: AN ANALYSIS OF THE *TIKTOK* PROFILE @PROFESSORNOSLEN*

João Victor Lima Ferreira Dutra¹
Xoán Carlos Lagares²

RESUMO: O presente artigo visa refletir sobre o papel de criadores de conteúdo digital que se propõem a ensinar a língua portuguesa como agentes glotopolíticos do século XXI. Para isso, discutimos, em um primeiro momento, os conceitos de agente glotopolítico e de autoridade linguística. O principal objetivo deste trabalho é investigar como os usuários reagem nos comentários às regras gramaticais ensinadas pelo professor Noslen em suas publicações no *TikTok*. Na metodologia do trabalho, analisamos a seção de comentários da conta do *TikTok* denominada @professornoslen, a fim de averiguar como falantes brasileiros se relacionam com o conteúdo exposto. Os comentários analisados são referentes a todo o mês de dezembro de 2024 e, através da investigação, vemos se os usuários aceitam, concordam, questionam ou discordam dos ensinamentos presentes nas publicações do professor/influenciador digital. Nos resultados, observamos que, mesmo com a ausência de fonte – tanto de autores quanto de gramáticas e dicionários –, a grande maioria do público aceita e acredita que aquela forma de falar ou escrever que está sendo ensinada no perfil @professornoslen seja a correta. Dessa forma, a presente investigação comprovou que o professor Noslen, assim como outros criadores de conteúdo digital dedicados ao ensino de língua portuguesa, podem ser considerados agentes glotopolíticos do século XXI, pois seu trabalho exerce um impacto significativo na maneira como milhões de falantes brasileiros enxergam e usam a própria língua, não necessitando, assim, de leis ou decretos formais para que sua imposição linguística tenha seus efeitos concretizados. Apesar de não recorrerem explicitamente a autores e gramáticas, eles criam um conteúdo digital embasado na tradição normativa de tais obras, sendo, portanto, vetores de transmissão de certa tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Normas linguísticas. Glotopolítica. Redes sociais.

ABSTRACT: The present article aims to reflect on the role of digital content creators who set out to teach the Portuguese language as glottopolitical agents of the 21st century. To do so, we will first discuss the concepts of glottopolitical agent and linguistic authority. The main objective of this paper is to investigate how users react in the comments to the grammatical rules taught by Professor Noslen in his TikTok posts. In the methodology, we will analyze the comment section of the TikTok account @professornoslen in order to examine how Brazilian speakers engage with the content presented. The comments analyzed are from the entire month of December 2024, and through this investigation, we will see whether users accept, agree with, question, or disagree with the teachings present in the posts of the professor/digital influencer. In the results, we observe that, even without the use of sources – neither from authors nor from grammar books or dictionaries – the vast majority of the audience accepts and believes that the way of speaking or writing being taught on the @professornoslen profile is the correct one. Thus, this investigation confirmed that Professor Noslen, like other digital content creators dedicated to teaching the Portuguese language, can be considered glottopolitical agents of the 21st century, as his work has a significant impact on how millions of Brazilian speakers perceive and use the language, not requiring laws or formal decrees for their linguistic influence to have tangible effects. Although they do not explicitly rely on authors and grammars, they create digital content based on the normative tradition of such works, thus serving as vectors for transmitting a certain tradition.

KEYWORDS: Linguistic norms. Glottopolitics. Social networks.

* Submetido: 05/06/25 – Aceito: 01/08/25 DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2025v20n1.73184

¹ Doutorando e mestre em Linguística pela Universidade Federal Fluminense (UFF); bolsista nota 10 da FAPERJ. E-mail: joao.victor.10.fr@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4179-5563>.

² Doutor em Linguística, professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: xlagares@id.uff.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0974-2118>.

1 Introdução

Em meados dos anos 60, surgia o campo de investigação das Políticas Linguísticas. Durante suas duas primeiras décadas, era comum pesquisadores recorrerem a essa área do saber principalmente com o intuito de resolver “problemas linguísticos”. Como exemplos desses “problemas”, podemos citar a diversidade linguística presente nos Estados nacionais africanos recém-formados, que precisavam oficializar qual seria a língua utilizada na burocracia estatal e na educação dentro daqueles territórios (como a história nos mostra, optou-se pelas línguas dos Estados europeus colonizadores na maior parte dos casos). Dessa forma, as Políticas Linguísticas passaram a ser entendidas como uma área cujo planejamento linguístico para lidar com tais questões ficava a cargo de especialistas, enquanto a aplicação de políticas referentes às línguas era feita pelo Estado, por meio de leis e decretos formais. Por essa razão, a noção de política linguística durante muito tempo foi compreendida como sinônimo de planejamento linguístico. Sobre o termo “planejamento linguístico”, Jahr declara:

o PL [Planejamento Linguístico] refere-se à atividade organizada (privada ou oficial) que busca resolver problemas linguísticos existentes no interior de uma determinada sociedade, geralmente em nível nacional. Por meio do PL, procura-se gerir, transformar ou preservar a norma linguística ou o status social de uma determinada língua (escrita/falada) ou variedade linguística. Em geral, o PL é conduzido em conformidade com um programa oficial ou um conjunto definido de critérios e a partir de um objetivo deliberado, por comitês ou grupos oficialmente constituídos, organizações de caráter privado ou linguistas prescritivistas a serviço de autoridades governamentais. Seu objetivo é estabelecer normas (primeiramente escritas), as quais são ratificadas por seu elevado status social; sucedem-se a elas normas de fala associadas a esses padrões. (JAHR, 1992, p. 12-13).

Com base nas considerações do autor, fica evidente a ideia de planejamento linguístico como uma ação voltada à resolução de problemas linguísticos e que só pode ser realizada através do aparato estatal. Contudo, em 1986, os autores franceses Guespin e Marcellesi lançam o artigo-manifesto *Pour la glottopolitique*, argumentando que políticas linguísticas são praticadas por diversos agentes sociais (além do Estado) nos mais variados âmbitos: familiar, religioso, laboral, etc. Essa perspectiva de que a sociedade civil também pratica políticas linguísticas foi nomeada por eles como Glotopolítica. Segundo os autores, a glotopolítica

designa as diversas abordagens que uma sociedade faz da ação sobre a linguagem, tenha ela ou não consciência disso: seja sobre a língua, quando a sociedade legisla sobre os status recíprocos do francês e das línguas minoritárias, por exemplo; seja sobre a fala, quando se reprime determinado uso por parte desta ou daquela pessoa; seja sobre o discurso, quando a escola torna matéria de exame a produção de determinado tipo textual — glotopolítica é necessário para englobar todos os fatos de linguagem em que a ação da sociedade reveste a forma do político (MARCELLESI, J.-B.; GUESPIN, L., 1986, p. 7).

Alicerçado nas ideias dos autores, o presente trabalho assume a perspectiva glotopolítica por considerar que as políticas linguísticas vão muito além de intervenções governamentais sobre a língua, elas são realizadas por quaisquer cidadãos de uma sociedade, e por entender que sempre há uma dimensão política nas práticas de linguagem. Sendo assim, se o fato de um chefe exigir certos usos linguísticos de seus funcionários ou de uma mãe proibir o filho de falar de uma determinada forma são exemplos de políticas linguísticas, um criador de conteúdo digital que se propõe a ensinar como as pessoas devem falar e escrever também está praticando uma política linguística. Por esse motivo, esse influenciador torna-se um agente glotopolítico, conceito que esmiuçaremos na próxima seção, juntamente com a ideia de autoridade linguística.

2 Professor Noslen: agente glotopolítico

Ao partirmos da perspectiva glotopolítica, que entende que ações sobre a linguagem ocorrem nos mais diversos âmbitos da sociedade, podemos definir agentes glotopolíticos como pessoas (físicas ou jurídicas) ou grupos que praticam intervenções linguísticas nos mais variados níveis sociais; seja na esfera estatal, laboral, religiosa, familiar, entre outras. Entretanto, Teixeira alerta para a responsabilidade social e política do agente glotopolítico:

No que concerne à postura do agente glotopolítico, os pesquisadores destacam a necessidade de que seja engajada e engajadora, considerando como agentes legítimos na arena glotopolítica tanto os especialistas – os linguistas, por exemplo, quanto os usuários da(s) língua(s), sendo necessária uma metodologia mais democrática que permita o debate sobre as relações entre as práticas de linguagem e a sociedade (TEIXEIRA, 2020, p. 293).

A postura engajada e democrática destacada pelo autor como uma necessidade do agente glotopolítico, lamentavelmente não se concretiza quando pensamos em algumas páginas da Internet que se dedicam ao ensino da língua portuguesa. Pode-se argumentar que páginas dessa natureza sejam democráticas, já que qualquer indivíduo pode ter acesso de maneira gratuita a conteúdos sobre língua portuguesa. No entanto, é uma falsa democratização, uma vez que não legitima usos linguísticos de camadas sociais populares e minorizadas, apenas perpetua uma visão hegemônica e estreita de que só há uma maneira correta de usar a língua. A essa visão reducionista da língua, Faraco, em 2008, muito antes da explosão de conteúdos linguisticamente normatizadores nas redes sociais, deu o nome de “norma curta”. O referido autor destaca que:

[...] o que tem predominado e que tem servido de referência no nosso sistema escolar, e tem sido reforçado por boa parte dos consultórios gramaticais da mídia, pela ação de revisores das editoras, por manuais de redação dos grandes jornais, por cursinhos pré-vestibulares e por elaboradores de questões de concursos públicos é uma norma estreita a que chamamos aqui de **norma curta**.

Trata-se de um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/standard (FARACO, 2008, p. 94).

Dentre os agentes glotopolíticos citados por Faraco como perpetuadores da cultura da norma curta (sistema escolar, mídia, revisores de editoras, cursinhos pré-vestibulares, etc.), podemos incluir os criadores de páginas da Internet que ensinam o “certo” e o “errado” na língua portuguesa, não só como exemplos típicos de nosso tempo, mas também como os principais disseminadores da “norma curta”, em virtude de sua grande popularidade e alcance. Vejamos como exemplo o perfil do *TikTok* @professornoslen, principal objeto de estudo do presente trabalho:

Figura 1 – captura de tela da página inicial do perfil @professornoslen no *TikTok*.



Fonte: Conta do *TikTok* @professornoslen. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen>. Acesso em: 29 jan. 2025.

Como é possível notar na captura de tela exibida acima, o perfil do *TikTok* @professornoslen conta com 831,9 mil seguidores e 7 milhões de curtidas em seus vídeos até o presente momento. Ele também se apresenta como o dono do maior canal de ensino de português do mundo, estando presente também no *YouTube* e no *Instagram*, plataformas nas quais ele conta com 5,16 milhões de inscritos e 1,1 milhão de seguidores, respectivamente.

A escolha de analisar somente seu perfil no *TikTok* neste trabalho se deu por conta de que, de acordo com o Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), o *TikTok* é a rede social mais usada entre crianças e adolescentes no

Brasil³. Além do grande alcance dessa plataforma na camada mais jovem da população, verificamos que no *TikTok* o professor Noslen trata mais de assuntos relacionados ao ensino de língua portuguesa, enquanto no *YouTube* e no *Instagram* o influenciador publica conteúdos relacionados à sua vida pessoal, paródias, fala sobre como funciona a Academia Brasileira de Letras, dá dicas para o ENEM, entre outros assuntos que não foram considerados relevantes para o presente artigo.

O principal objetivo deste trabalho é investigar como os usuários reagem nos comentários às regras gramaticais ensinadas pelo professor Noslen em suas publicações no *TikTok*. Os falantes aceitam a regra gramatical exposta? Questionam? Discordam? Uma observação preliminar destacou que suas publicações não apresentam quaisquer menções a autores ou obras que sirvam como fonte, o que levou à outra pergunta: o professor Noslen, e outros criadores de conteúdo digital que ensinam português, têm autoridade linguística, uma vez que não necessitam recorrer explicitamente a autoridades (gramáticos/especialistas) para exercerem sua influência linguisticamente normativa na população? Antes de responder a essa indagação, é necessário nos atermos à noção de autoridade linguística dada por Pierre Bourdieu em seu livro *A Economia das Trocas Linguísticas*.

Na obra mencionada, o sociólogo francês tece críticas aos linguistas estruturalistas que buscam em elementos internos à língua a razão da eficácia da institucionalização de uma “língua legítima”. Para Bourdieu, essa é uma missão fadada ao fracasso, pois “a autoridade de que se reveste a linguagem vem de fora.” (BOURDIEU, 1996, p. 87). Segundo o autor, a constituição de autoridade na língua advém de relações sociais de poder que privilegiam aqueles com capital (material e simbólico) suficiente para gerar produtos normativos (gramáticas, dicionários, livros didáticos, etc.) e fazer com que estes tenham o seu valor, ou seja, façam sentido dentro do mercado linguístico⁴ onde circulam.

No caso do professor Noslen e de outros criadores de conteúdo digital que se propõem a ensinar a língua portuguesa, seu capital simbólico vem da popularidade, do número de seguidores. A leitura de Bourdieu do “mercado linguístico” como um espaço de acumulação e troca de capital simbólico corresponde, precisamente, a um gesto de interpretação crítica do sujeito neoliberal, como *homo economicus*, que age de acordo com uma lógica que nunca se manifesta abertamente (LAVAL, 2020, p. 197-211). Neste caso, é a lógica concorrencial do número de *views*, ao permitir juntar, ao mesmo tempo, poder de influência e lucro econômico, que produz a acumulação de capital simbólico e a autoridade para reproduzir regras de uso linguístico. Entretanto, é necessário salientar que, sem uma tradição normativa incutida na mente dos falantes brasileiros através da escola, mídia, etc., essas figuras da internet não teriam qualquer autoridade para falar de língua. De alguma maneira, elas são agentes “vigários” de um poder superior, apresentando-se, com o seu capital acumulado na internet, como intérpretes de uma tradição que estaria acima deles e cujas fontes nunca são citadas explicitamente.

Com o advento da Internet e conseqüentemente das redes sociais, a norma curta passa a ganhar um novo canal de transmissão através do qual pode circular livremente, além do sistema escolar, grande mídia, jornais, revistas, gramáticas e dicionários. O surgimento dessa rede global possibilitou a ascensão de novos agentes glotopolíticos que, apesar do novo formato online, continuam a propagar as mesmas velhas ideias normativas sobre a língua: trata-se do

³ Fonte: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). Informações encontradas no texto jornalístico de Victor Hugo Silva para o G1. Disponível em: [https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/08/16/tiktok-e-a-principal-rede-social-utilizada-por-](https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/08/16/tiktok-e-a-principal-rede-social-utilizada-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-diz-pesquisa.ghtml)

[criancas-e-adolescentes-no-brasil-diz-pesquisa.ghtml](https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/08/16/tiktok-e-a-principal-rede-social-utilizada-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-diz-pesquisa.ghtml). Acesso em: 29 jan. 2025.

⁴ O termo “mercado linguístico” designa, segundo o sociólogo francês, um espaço social de circulação de discursos em que se impõe um sistema de sanções e de censuras específicas.

mesmo produto com uma embalagem diferente. Dessa maneira, além das elites deterem os meios de produção de objetos normatizadores físicos (gramáticas e dicionários) e o poder econômico e político necessário para que sua ideologia linguisticamente excludente prevaleça, agora contam com aliados – sendo eles conscientes disso ou não – que geram um conteúdo digital que reforça tal hegemonia linguística.

Fruto de uma concentração desigual de poderes políticos e econômicos, a “língua legítima” (Bourdieu 1996, p. 29-52) necessita da adesão das camadas populares, que não detêm os meios de produção e têm seus usos linguísticos invalidados. Todavia, seria ingenuidade pensar que essa aceitação ocorre de maneira acrítica ou voluntária: ela é oriunda da constante ameaça de exclusão social vinda daqueles que institucionalizam a autoridade linguística. A classe trabalhadora busca incessantemente o domínio da língua legítima para obter melhores condições de vida e trabalho, ter acesso a direitos básicos (uma vez que a língua da burocracia estatal é a língua legítima) e garantir o reconhecimento de suas próprias vozes, uma vez que ao não fazer uso da língua legítima, os indivíduos sofrem preconceito linguístico e exclusão social, isso quando não são alvos de ridicularização.

O autor francês também trata da conexão entre autoridade e desconhecimento. Nas palavras de Bourdieu:

A linguagem de autoridade governa sob a condição de contar com a colaboração daqueles a quem governa, ou seja, graças à assistência dos mecanismos sociais capazes de produzir tal cumplicidade, fundada por sua vez no desconhecimento, que constitui o princípio de toda e qualquer autoridade. (BOURDIEU, 1996, p. 91).

Apesar de termos comentado que não é uma simples “colaboração” ou “cumplicidade”, mas sim uma ameaça violenta e constante de marginalização para com a classe trabalhadora, essas considerações do autor tornam-se pertinentes ao condicionar a instauração de qualquer autoridade à existência do desconhecimento. Quando Bourdieu trata desse conceito, ele se refere ao desconhecimento dos mecanismos sociais que produzem cumplicidade, que fazem com que se naturalizem as relações desiguais de autoridade pela linguagem.

Junto a esse desconhecimento de que fala Bourdieu, no contexto brasileiro atual também há uma falta de conhecimento de grande parte da sociedade em relação às regras da “norma-padrão”, que de acordo com Faraco (2008, p. 172) “é um construto idealizado (não é um dialeto ou um conjunto de dialetos, como é a norma culta, mas uma codificação taxonômica de formas tomadas como modelo linguístico ideal.)”. O não conhecimento a respeito dessa norma-padrão é o pilar que sustenta o sucesso de páginas como a do professor Noslen, que se propõem a ensinar aos falantes como usar “corretamente” a sua própria língua. Tal desconhecimento perante a língua legitimada produz a crença na mente dos falantes de que eles não sabem falar sua língua nativa. Este fenômeno, muito comum quando há uma discrepância entre a norma-padrão de uma língua e a língua em situações reais de uso, é chamado por Calvet de insegurança linguística. Nas palavras do autor:

Fala-se de segurança linguística quando, por razões sociais variadas, os falantes não se sentem questionados no seu modo de falar, quando consideram sua norma a norma. Ao contrário, há insegurança linguística quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam. (CALVET, 2002, p. 72).

Dito isso, é pertinente afirmar que o desconhecimento e a insegurança linguística proporcionam um terreno fértil para o surgimento de criadores de conteúdo digital linguisticamente normatizador. Na próxima seção, exporemos o método de investigação do atual trabalho, a fim de verificar como se configura o capital simbólico do professor Noslen.

3 Metodologia

A metodologia deste artigo trata de analisar todas as postagens do mês de dezembro de 2024 do perfil do *TikTok* @professornoslen, com destaque para a seção de comentários, nas quais os falantes reagem à regra gramatical publicada. No período delimitado, a conta produziu 17 vídeos com 158 comentários no total. Apesar de parecer um número relativamente baixo, o algoritmo do *TikTok* privilegia mais o número de visualizações e curtidas (o quanto o vídeo viralizou) do que o número de comentários. Todos os vídeos do perfil analisado tiveram milhares de reproduções.

Com a finalidade de investigar a crença dos falantes no conteúdo postado pelo perfil, foi elaborada uma tabela de caráter quantitativo que indica os tipos de reação do público em relação ao conteúdo gramatical exposto. As possíveis reações foram divididas em cinco categorias: “resposta direta à pergunta da publicação”, na qual o comentário apenas responde à pergunta que o professor faz no vídeo, por exemplo: “o correto é pisca-piscas ou piscas-piscas?”⁵; “aceitação/gratidão”, quando o usuário aceita a regra exibida no perfil ou agradece ao professor por ele estar ensinando o português “correto”; “questionamento/dúvida”, quando o falante questiona a norma ensinada ou tem alguma dúvida em relação a ela ou a qualquer outro tema referente à língua portuguesa; “discordância”, quando o indivíduo afirma que aquilo que está sendo ensinado não está certo, e “outros tipos de comentários”, pois observou-se que havia uma quantidade relevante de comentários que eram piadas, brincadeiras ou usuários pedindo para o professor interagir com eles.

A menção a autores ou obras que embasam o conteúdo gramatical exibido no perfil também foi quantificada com o intuito de observar se os falantes aceitam as regras sobre a língua portuguesa mesmo quando há ausência de fonte. Caso aceitem, será comprovado que a páginas digitais dessa natureza é atribuída uma autoridade linguística que advém do capital simbólico da popularidade e do número de seguidores, sendo estes dois fatores o suficiente para que seu público acredite na veracidade do conteúdo normatizador propagado nessas mídias.

Na próxima seção deste trabalho, serão exibidos os principais resultados da investigação.

4 Resultados

A atual seção dedica-se à amostra e discussão dos resultados obtidos através da metodologia do trabalho. Abaixo, é possível ver os índices quantitativos referentes ao período de análise proposto:

⁵ Disponível em:

<https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7446504663643327749>. Acesso em: 09 ago. 2025.

Tabela 2: Tipos de reação do público nos comentários diante do conteúdo normatizador do perfil @professornoslen do *TikTok* (dezembro de 2024).

Comentários de usuários no perfil do <i>TikTok</i> @professornoslen	Quantidade
Resposta direta à pergunta da publicação	16
Aceitação/gratidão	14
Questionamento/dúvida	6
Discordância	0
Outros tipos de comentários	122

Fonte: Acervo do autor.

Na tabela acima, podemos ver a predominância de assuntos alheios às explicações gramaticais do professor. Dentre esses temas estavam usuários comentando coisas do tipo “primeiro a comentar”, “Jesus te ama”, *emoticons* aleatórios, piadas e outros tipos de interação que não são relevantes para esta investigação. O segundo maior grupo corresponde ao das respostas diretas à pergunta da publicação, no qual o professor realizou perguntas do tipo “é o champanhe ou a champanhe?”⁶, “cear ou ceiar?”⁷, “onde x aonde?”⁸ e seu público respondia da forma que julgava ser a correta. O terceiro maior grupo traz os primeiros dados relevantes para um estudo linguístico, pois demonstra que, dentre os comentários referentes ao ensino gramatical praticado na conta, a maior parte dos falantes aceita o conteúdo linguístico normativo publicado e agradece ao professor por estar ensinando a forma “certa”. O quarto maior grupo constitui-se de dúvidas gramaticais como “qual é o plural de Lucas?” ou “existe plural de Gloss? Ex: Glosses?”, demonstrando que muitas vezes tais dúvidas não tinham a ver com a temática do vídeo. Por fim, o último grupo, porém não menos importante – inclusive o que apresenta maior importância –, destaca que nenhum dos usuários discordou da regra gramatical explicada pelo professor Noslen. E por que esse último dado é tão importante?

Observou-se que, nas 17 publicações referentes ao período de análise da conta, o professor não citou o nome de nenhum autor que corroborasse as informações difundidas sobre a língua portuguesa. Em 2 vídeos, quando o professor busca um embasamento para o que está sendo dito, ele diz somente que “a regra diz...” (no vídeo sobre o plural de pisca-pisca) e “segundo a norma-padrão...” (em um vídeo no qual o professor explica se na expressão “Feliz Natal”, a palavra Natal deve ser escrita com letra maiúscula ou minúscula)⁹, sem especificar qual gramático, linguista, dicionarista ou qualquer outro tipo de autoridade linguística determinou aquela regra. Tampouco há reflexões sobre as divergências entre os próprios especialistas da língua portuguesa, visto que muitas das regras que ele mesmo ensina não são um consenso absoluto entre gramáticos e linguistas.

Pegemos como exemplo o caso do “onde x aonde”, abordado em um dos vídeos do perfil analisado. Na postagem, o professor Noslen afirma que “onde” é usado sempre que puder ser trocado por “em que”, enquanto “aonde” é empregado quando puder ser substituído por “a

⁶ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7454274176006868230>. Acesso em: 09 ago. 2025.

⁷ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7447636636654947590>. Acesso em: 09 ago. 2025.

⁸ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7453243574109457670>. Acesso em: 09 ago. 2025.

⁹ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7447998813396012294>. Acesso em: 09 ago. 2025.

que”. Para exemplificar, o professor diz que “em que lugar você vai passar o réveillon? = onde você vai passar o réveillon?” e “a que lugar você vai no réveillon? = aonde você vai no réveillon?”. No entanto, Evanildo Bechara em sua obra *Moderna Gramática Portuguesa* de 1999 afirma que a distinção entre “onde” e “aonde” não ocorria entre escritores brasileiros e portugueses. Nas palavras do autor:

Modernamente, os gramáticos têm tentado evitar o uso indiscriminado de “onde” e “aonde”, reservando o primeiro para a ideia de repouso e o segundo para a de movimento. Esta lição da gramática tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses (BECHARA, 2009, p. 591).

De modo semelhante, os autores Cunha e Cintra também sinalizam em sua gramática que tal distinção não estava presente em obras clássicas de nossa língua:

Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre ONDE (=lugar em que) e AONDE (=o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 342-343).

Ainda sobre o tema do “onde x aonde”, o linguista brasileiro Carlos Alberto Faraco é ainda mais enfático ao dizer que os termos são equivalentes, intercambiáveis. Segundo Faraco:

[...] a história e os usos reais da língua apontam para uma efetiva indistinção entre esses dois pronomes. Eles são, em geral, equivalentes, intercambiáveis, não apenas quando funcionam como pronomes relativos, mas também quando usados de outros modos, como, por exemplo, em contextos interrogativos (FARACO, 2023, p. 286).

Alicerçado nas considerações dos autores acima, torna-se evidente que a questão do “onde x aonde” é apenas um mero exemplo das inúmeras discordâncias entre os instrumentos linguísticos da tradição gramatical da língua portuguesa no Brasil. O grande ponto é que o perfil investigado @professornoslen não aborda essas polêmicas linguísticas, apenas apresenta uma regra gramatical como sendo a única forma válida e sem citar qualquer fonte. Através desse *modus operandi*, o professor Noslen estabelece uma relação de crença entre o falante brasileiro e a figura do criador digital: não é necessário recorrer a nenhum autor, dicionário ou gramática para conferir a informação. Se o influenciador (principalmente se for um perfil consolidado, com milhões de seguidores) diz que a regra gramatical é assim, logo é vista como verdadeira perante grande parte dos indivíduos que se deparam com a postagem.

Durante o período analisado, em momento algum o professor estabeleceu normas para a língua portuguesa sob uma perspectiva autoral, mas sim atuou como uma espécie de médium, um vetor/transmissor de normas linguísticas determinadas por autoridades da língua.

Outro ponto que comprova a confiança da população no professor Noslen e a obsolescência de gramáticas e dicionários para uma parcela dos falantes brasileiros, é que algumas pessoas, ao invés de buscarem essas obras para sanar dúvidas em relação à gramática

da língua portuguesa, perguntam diretamente ao influenciador, como podemos ver no primeiro comentário da figura abaixo:

Figura 2 – captura de tela da seção de comentários de uma publicação do perfil do *TikTok* @professornoslen



Fonte: Conta do *TikTok* @professornoslen. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7447998813396012294>. Acesso em: 30 jan. 2025.

Conforme visto na captura de tela acima, a crença dos falantes na nova autoridade linguística do criador de conteúdo digital, vista por eles como a figura capaz de ensiná-los a usar a própria língua, é muito forte e dispensa embasamento teórico. Mesmo assim, o professor Noslen menciona o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) para fundamentar o conteúdo gramatical de dois de seus vídeos. Os vídeos em questão são: um no qual ele explica que o VOLP determina que entre “a champanhe” e “o champanhe”, ambas as construções são consideradas corretas; e outro sobre o plural de “pisca-pisca”, no qual ele afirma, de maneira abstrata, que a “regra” determina que quando se tem duas palavras iguais, somente o último termo vai para o plural, mas o VOLP diz que “pisca-pisca” é uma exceção. Dessa maneira, ele conclui o segundo vídeo explicando que tanto “pisca-piscas” quanto “piscas-piscas” são formas aceitáveis na língua portuguesa. Essa é a única obra citada em todas as publicações analisadas nesta pesquisa.

5 Considerações finais

Neste artigo, realizou-se uma investigação sob a perspectiva da Glotopolítica sobre o professor Noslen como agente glotopolítico representando o grupo dos criadores de conteúdo digital dedicados ao ensino de língua portuguesa. Trata-se de um estudo cujo foco se encontra no conteúdo linguisticamente normatizador disponível on-line e na reação de falantes brasileiros a tais regras gramaticais.

A análise demonstrou uma ausência completa de referências a gramáticas ou autores específicos que pudessem embasar as regras gramaticais expostas nos vídeos. Contudo, mesmo sem a presença de fontes, não havia um comentário sequer que discordasse ou questionasse o que estava sendo ensinado nas postagens, pelo contrário: a grande maioria aceitava e agradecia ao professor pelo trabalho, enquanto uma pequena parcela dos usuários comentava aleatoriedades, fazia piadas e apresentava dúvidas não relacionadas com o tema dos vídeos em questão. Com isso, o principal objetivo deste artigo, que consistia em analisar como os usuários reagem nos comentários às regras gramaticais ensinadas pelo professor Noslen em suas publicações no *TikTok*, foi cumprido.

Ademais, o êxito do professor Noslen nas redes sociais levanta a seguinte reflexão: como os linguistas mais engajados, ou qualquer estudioso da língua que defenda uma normatização mais moderada e flexível, diante de certa ortodoxia da tradição gramatical, podem obter um alcance semelhante? Sabemos que conteúdos estritamente normatizadores relacionados à língua portuguesa atingem rapidamente a marca de milhares, muitas vezes milhões de visualizações, reforçando a ideia na mente dos falantes de que tudo na língua se resume a “certo” e “errado” e que só existe uma forma correta de falar e escrever. Em contrapartida, trabalhos científicos com uma visão mais realista e cientificamente embasada sobre o uso da língua não são percebidos por grande parte da população. O caminho então seria produzir conteúdos digitais mais voltados à Linguística, legitimando usos reais da língua presentes há muito tempo em nosso cotidiano? O outro lado desta moeda é que tal iniciativa geraria uma nova demanda ao pesquisador brasileiro, que além de ler, pesquisar, escrever e publicar, também teria que aprender a ser um “influenciador”. Em qualquer caso, a discussão acerca do papel dos linguistas diante da viralização da “norma curta” nas redes sociais é um tema complexo e se estende além das páginas deste artigo.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, v. 116, 1996.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística, uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, Carlos Alberto. **Gramática do Português Brasileiro Escrito**. Edição: 1ª. São Paulo: Parábola Editorial, 360 páginas, 2023.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean-Baptiste (1986). **Pour la Glottopolitique**, *Langages*, n. 83, 1986, p. 5-34.

- JAHN, E. H. (1992). **Language Planning**. In: Bright, W. (Ed.). *International encyclopedia of Linguistics*: v. 4. Oxford: Oxford University Press, pp. 12-14.
- LAVAL, Christian (2020). **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. Tradução de Márcia Pereira Cunha e Nilton Ken Ota. São Paulo: Elefante.
- PROFESSORNOSLEN. [@professornoslen]. **A champanhe ou O champanhe?** TikTok, 30 dez. 2024. Disponível em:
<https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7454274176006868230>. Acesso em: 09 ago. 2025.
- PROFESSORNOSLEN. [@professornoslen]. **CEAR ou CEIAR?** TikTok, 12 dez. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7447636636654947590>. Acesso em: 09 ago. 2025.
- PROFESSORNOSLEN. [@professornoslen]. **NATAL ou natal?** TikTok, 13 dez. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7447998813396012294>. Acesso em: 09 ago. 2025.
- PROFESSORNOSLEN. [@professornoslen]. **ONDE X AONDE**. TikTok, 27 dez. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7453243574109457670>. Acesso em: 09 ago. 2025.
- PROFESSORNOSLEN. [@professornoslen]. **Vídeo sem título**. TikTok, 09 dez. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@professornoslen/video/7446504663643327749>. Acesso em: 09 ago. 2025.
- TEIXEIRA, W. B. (2020). **O linguista aplicado entre agentes glotopolíticos: o ensino de espanhol em São Gabriel da Cachoeira/AM**. *Raído*, 14(36), 290–309.
<https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.11838>. Acesso em: 10 mar. 2025.